



IMAGINÁRIOS DE SEXUALIDADE

IMAGINARY OF SEXUALITY

Andréa Cristina Martelli¹

RESUMO: O presente estudo aborda experiências pedagógicas de professores e professoras da rede municipal de ensino da cidade de Cascavel – Paraná, em torno da temática orientação sexual. A partir da seguinte pergunta: Sendo a orientação sexual um dos temas transversais dos Parâmetros Curriculares Nacionais, como você trabalha essa temática em suas disciplinas? Respondida por 44 docentes no ano de 2006, constatamos ambivalências nas respostas. A análise dos questionários revelou valores culturais e sociais arraigados no imaginário dos professores e das professoras a respeito da sexualidade que se materializam em práticas cotidianas nas escolas. De um lado, ainda prevalece no trabalho pedagógico com a sexualidade a centralidade nos aspectos biológicos, no corpo humano e nas funções reprodutoras; por outro, existem tentativas de ampliar as discussões e as atividades em torno dela. Considerando esta como uma construção histórica, social e cultural compreendemos que as experiências aqui relatadas são resultados das vivências pessoais e profissionais de cada docente advindas das aprendizagens ocorridas ao longo de suas vidas, muito mais do que conhecimentos científicos.

Palavras-chave: Educação. Sexualidade. Imaginário.

ABSTRACT: This study addresses educational experience of teachers of municipal schools in the city of Cascavel - Paraná, around the theme of sexual orientation. From the following question: The sexual orientation is a cross-cutting themes of the National Curriculum, how do you work this theme in your disciplines? Answered by 44 teachers in 2006, we found ambiguities in the answers. Analysis of the questionnaires revealed social and cultural values rooted in the minds of teachers about sexuality that are manifest in everyday practices in schools. On one side, still prevails in the pedagogical work with the centrality of sexuality in the biological, the human body and reproductive functions, on the other, there are attempts to broaden the discussions and activities around it. Considering this as an historical, social and cultural construction, it's understood that the experiences reported here are results of personal and professional experiences of each teacher coming from the learning that took place throughout their lives, much more than scientific knowledge.

Keywords: Education. Sexuality. Imaginary.

¹ Doutora em Educação. Professora Adjunta do curso de Pedagogia, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – campus de Cascavel. deiamartelli@hotmail.com



O presente estudo busca compreender os valores culturais e sociais imbricados no imaginário dos professores e das professoras em torno do tema transversal “Orientação Sexual” que se materializam em práticas cotidianas nas escolas. Como pesquisa de campo, realizamos questionários com professores e professoras da rede municipal de ensino da cidade de Cascavel, situada ao Oeste Paranaense.

Investigar a sexualidade tornou-se um tema especial para mim nos últimos anos. Experiências vividas como docente dos anos iniciais do ensino fundamental e de cursos de formação inicial e continuada de professores e professoras, impeliram-me a essa temática.

A discussão sobre a sexualidade, as relações de gênero e suas relações com a educação formal saiu dos bastidores da sociedade brasileira, a partir dos anos 80 do século passado, para conquistar seu lugar nas universidades², nos eventos³ e na organização de grupos de pesquisa⁴.

Na escola, “a discussão da sexualidade fascina muitos e apavora outros tantos; ou talvez melhor seria dizer que ela fascina e apavora, ao mesmo tempo, a muitos” (FURLANI, 2005, p. 10)⁵. Desde seu nascimento, esta instituição organiza-se de forma a silenciar a sexualidade de professores, professoras, alunos, alunas, pais, mães e daí por diante. Tentativa inglória!

² “No Brasil (de forma mais visível a partir de 1980), a temática também passa a se constituir como questão acadêmica, na medida em que, em algumas universidades e grupos de pesquisa, vem a ser discutida, especialmente com apoio nas teorizações de Michel Foucault” (LOURO, 2008b, p.33).

³ No ano de 2003, durante a 26ª Reunião Anual da Anped, um entusiasmado grupo de pesquisadoras, pesquisadores, docentes e estudantes mobilizou-se para propor à Associação um grupo de estudo voltado para a investigação e o debate de questões teóricas e temáticas dos campos dos gêneros, das sexualidades e da educação sexual. Depois de várias discussões teóricas, metodológicas e políticas, o grupo de estudo passou a ser grupo de trabalho, o GT 23.

⁴ Dos grupos de pesquisa voltados à discussão de gênero, de sexualidade e de educação, citamos o Grupo de Estudo Interdisciplinar em Sexualidade Humana (Geish), fundado em 1992, vinculado à Faculdade de Educação da Unicamp; o Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero (Geerge), criado em 1990, vinculado à Universidade Federal do Rio Grande do Sul; o Núcleo de Estudos da Sexualidade (Nusex), criado em 2000, na Universidade Estadual Paulista (Unesp. Campus de Araraquara) (cf. MEYER; RIBEIRO; RIBEIRO, 2004); e o Núcleo de Estudos de Gênero (Pagu), criado em 1993, vinculado ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp (www.pagu.unicamp.br).

⁵ “De fato, a partir da segunda metade dos anos 1980, no Brasil, passou-se a discutir muito mais a sexualidade (e a homossexualidade) em várias instâncias sociais, inclusive nas escolas. A preocupação em engajar-se no combate à doença (Aids) fez com que organismos oficiais, tais como o Ministério da Educação passasse a estimular projetos de educação sexual, e, em 1996, o MEC incluiu a temática, *como tema transversal*, nos seus Parâmetros Curriculares Nacionais (os PCNs, a nova diretriz para a educação do País). Vale notar, contudo, que as condições que possibilitaram a ampliação da discussão sobre a sexualidade também tiveram o efeito de aproximá-la das ideias de risco e de ameaça, colocando em segundo plano a associação ao prazer e à vida” (LOURO, 2008b, p.36; grifo do autor).



Na escola — como instituição formal de educação ou como lugar de socialidade que se entrelaçam o simbólico, o imaginário, o tempo, o espaço, a troca, a violência —, a sexualidade está sempre ali, latente e pulsante, manifestando-se incessantemente, pois não há como separá-la, nem definir onde pode e deve aparecer. Negá-la tornou-se letra morta. Os aspectos relacionados à sexualidade pertencem, queiramos ou não, à vida escolar. Perambulam pelas conversas dos estudantes e das estudantes, nos desenhos e nas palavras rabiscadas nas portas dos banheiros e nas paredes das salas, nas brincadeiras e nas piadas, nos namoros, nas primeiras sensações afetivas, bem como nas salas de aula, nas falas e ações dos professores e das professoras e dos alunos e das alunas (cf. LOURO, 2003a, p. 131).

Atualmente, assistimos a uma proliferação de discursos acerca da sexualidade e dos aspectos inerentes à sua vivência. De um lado, algumas instituições buscam regulá-la “por meio de discursos úteis e públicos” (FOUCAULT, 2005a, p. 28), por outro lado, outras instituições procuram compreendê-la inserida nas demais relações sociais.

Em relação aos cursos de formação de professores e professoras, não acredito na inserção no currículo de disciplinas que tratem da sexualidade, puramente, em seu caráter biológico ou psicológico, e, sim, que tais disciplinas “deveriam conter falas e vivências sobre a sexualidade humana, despertando possibilidades do corpo e das emoções” (CAMARGO; RIBEIRO, 1999, p. 50), problematizando os mitos⁶, os preconceitos, os tabus⁷, as inverdades e as imagens — enfim, tudo o que carregamos em nossas vidas e que envolve nossas compreensões e vivências sobre a sexualidade. Haja vista que conhecer e discutir essa temática não se reduz a aprender a estrutura dos órgãos genitais, tampouco diferentes formas de contracepção ou de prevenção contra doenças sexualmente transmissíveis, mas significa, sim, problematizar o uso do corpo e seus prazeres. Restringir a sexualidade aos genitais limita os usos do corpo e nossas potencialidades de vivenciar múltiplos prazeres.

Na realidade pesquisada, os cursos de formação de professor e professora não ofertam em sua grade curricular uma disciplina regular direcionada ao estudo da sexualidade ou da

⁶No decorrer deste estudo, “mito” é tratado como “o desconhecimento, a falta de informação ou a análise fantasiosa da realidade” (FURLANI, 2003, p. 87).

⁷Compartilho a opinião de Furlani (2003, p. 87): “No conceito de tabu passa a prevalecer o comportamento da discriminação e do preconceito para o conjunto de palavras, atitudes, práticas e valores morais que a sociedade não aceita, conferindo-lhe significados negativos”.



educação sexual. O que ocorre em algumas situações são atividades extensionistas sob a forma de cursos. Nessa direção podemos citar o exemplo do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná que em 2006 ofertou uma disciplina optativa “Sexualidade, Educação e Imaginário” voltada aos acadêmicos e às acadêmicas do curso e das demais licenciaturas. Assim, compreendemos que o trabalho nas escolas com a sexualidade e suas manifestações, baseia-se muito mais nas experiências pessoais e profissionais de cada docente deste município advindas das aprendizagens ocorridas ao longo de suas vidas. Dito de outro modo, do imaginário⁸ de sexualidade.

A vivência de nossa sexualidade abarca racionalidades, mas não se reduz a estas. Esta envolve formas e maneiras de evidenciar a procura dos prazeres — as quais são cruzadas por nossos pensamentos, nossas crenças, nossos mitos, nossos preconceitos, nossos tabus, nossas imagens —, bem como o desejo de estar com o outro (ou não) e o afetivo que molduram o uso do nosso corpo e de seus prazeres. “A sexualidade se manifesta, então, a todo o momento, em todo e qualquer espaço em que o sujeito, meninos e meninas, homens e mulheres, está inserido” (JESUS, 2007, p. 190).

A relação entre as intimações objetivas, os limites que as sociedades nos impõem e as subjetividades (cf. MAFFESOLI, 2001b, p. 80) desenham o mosaico da vivência da nossa sexualidade.

No entanto, a sexualidade reduzida aos aspectos biológicos ainda é uma recorrência nas práticas docentes. Fato esse evidenciado em diversas respostas⁹:

⁸ Fundamentada em Michel Maffesoli, Guimarães (2004, p. 61) argumenta que “a temática do imaginário mostra que o que chamamos realidade tem um componente irreal. A realidade emergiu daquilo que chamamos de irreal, dos pequenos sonhos de cada um, dos pequenos desejos que, por sedimentação sucessiva, vão culminar naquilo que se deseja. Essa dimensão fantástica da vida cotidiana é fruto de uma duplicidade que se instala entre dois pólos: de um lado, a organização política e econômica do social, de outro, um processo feito de acasos, de passividade, das paixões, dos encontros, das coerções e das pequenas mortes de todos os dias. Todos os elementos da vida social são formados em conjunto, integrando o imaginário, o simbólico, o lúdico e a paixão, os quais garantem a sobrevivência dos indivíduos, apesar das imposições dos poderes constituídos. [...] A temática do imaginário é a evidência de toda essa carga simbólica evidente nas sociedades complexas. A nossa cultura é a da complexidade, que não se explica a partir de um só elemento, mas por uma pluralidade deles que são integrados pela via simbólica. O imaginário não é o irracionalismo, mas uma maneira hiper-racional de pensar a sociedade complexa”.

⁹ No decorrer do artigo utilizaremos as respostas coletadas sem mencionar os nomes dos professores e das professoras, no intento de resguardar suas identidades conforme o combinado com os mesmos e as mesmas no momento de aplicação dos questionários.



Desenvolvo um projeto sobre corpo humano, onde trabalho tudo a respeito, inclusive a sexualidade.

Não dou ênfase a essa temática na sala de aula. Trabalho algo relacionado quando surge alguma pergunta ou os alunos demonstram interesse ou curiosidade. Estudamos o corpo humano e suas partes e funções, mas não nos aprofundamos no assunto.

É trabalhado dentro da disciplina de Ciências o corpo humano e a reprodução do seres vivos.

Na escola onde dou aula existem vídeos sobre o assunto e a partir da 4ª série, os alunos do curso de medicina da Unioeste fazem palestras relacionadas à sexualidade e aos métodos contraceptivos.

A forma como a sexualidade é trabalhada nas salas de aulas, muitas vezes “[...] impede qualquer compreensão genuína do alcance e das possibilidades da sexualidade humana” (BRITZMAN, 2007, p. 86). Principalmente, quando ela é reduzida a reprodução e prevenção e a posições binárias – certo e errado, normal e patológico –, não conseguindo ultrapassar a visão biologizante de suas vivências. Quando a sexualidade é compreendida com esse olhar monocular, incorremos o risco de sustentar as desigualdades entre os gêneros, a reproduzir mitos, tabus e preconceitos entorno da mesma, como também, de limitar as vivências das sexualidades. Engessamos a amálgama de possibilidades que circunda a nossa sexualidade e dos nossos alunos e nossas alunas em uma única direção.

Ainda que entre a maioria das pessoas prevaleça seu significado de algo íntimo e natural, ligado aos órgãos sexuais ou aos hormônios (cf. ALTMANN; MARTINS, 2007, p. 134), a sexualidade extrapola a biologia. Concordamos com Louro (2003a, p. 22), quando esta afirma que “não há, contudo, a pretensão de negar que o gênero se constitui com ou sobre corpos sexuados, ou seja, não é negada a biologia, mas enfatizada, deliberadamente, a construção social e histórica produzida sobre as características biológicas”. Construimos nossa sexualidade nas trocas com o mundo e com os outros; criamos sentidos e significados de sexualidade (cf. GUIMARÃES, 1995, p. 31). Em outras palavras, seus significados e conteúdos alteram-se ao longo da história, nas diferentes sociedades e nos diferentes grupos sociais numa mesma sociedade, bem como no decorrer da vida da mesma pessoa (cf. LOYOLA, 1999, p. 36).



Nosso corpo físico é o local de nossa sexualidade, mas esta não se limita a ele. Nossa sexualidade envolve crenças, ideologias, rituais, imaginações, símbolos, convenções (cf. LOURO, 2007, p. 11) e representações no uso do corpo e de seus prazeres (cf. WEEKS, 2007, p. 43).

A inserção da educação sexual na perspectiva biologizante, higienista e eugenista nas escolas não é uma novidade. Em 1895, nos Estados Unidos já ocorriam discussões a respeito de colocar ou não a temática da sexualidade no currículo escolar. No Canadá, eugenistas abriram as escolas à educação sexual para as pessoas normais. Por volta de 1910, a educação sexual vinculava-se aos currículos da escola para aperfeiçoar a linhagem racial branca (cf. BRITZMAN, 2007, p. 94).

No Brasil, apesar da inserção do tema transversal Orientação Sexual nos PCNs¹⁰ na década de 1990, ainda encontramos professores e professoras que não trabalham com esse em sala de aula. Embora, discorde com esta orientação teórico-metodológica para o trabalho com a educação sexual nas escolas, não posso denegar que essa inserção desencadeou discussões relevantes para esta temática.

Nas palavras dos professores-entrevistados e das professoras-entrevistadas:

Eu fui formada em um contexto onde a sexualidade não era enfocada como tema a ser tratado com os alunos. Então, ela é tratada com muita dificuldade e me é muito um tanto quanto embaraçada ao enfatizar este assunto (*sic*).

Não é trabalhada. Em casos em que as crianças têm dúvidas e não sabemos a maneira correta de responder em questões constrangedoras, passamos para a direção. Cabe a pessoa responsável conversar com a criança e em algumas situações tem se uma conversa com os pais.

Não trabalho.

Apesar das mudanças no âmbito educacional, permanece lugar-comum entre professores e professoras o receio de abordar o tema da sexualidade com alunos e alunas. Poderíamos compreender como uma das causas desse receio a ausência de trabalhos voltados à sexualidade ou à educação sexual na maioria dos cursos de formação de

¹⁰ No decorrer do texto usaremos a sigla PCNs para designar os Parâmetros Curriculares Nacionais.



professor e professora.

Porém, compreendemos que o trabalho com a sexualidade em sala de aula abarca elementos que extrapolam a formação acadêmica. Ao tratar ou não esse assunto com os alunos e as alunas, deixamos transparecer nosso imaginário de sexualidade, os valores culturais, os mitos, os preconceitos e os tabus de nossa educação familiar e da nossa inserção na sociedade. Nosso corpo reage diante das situações assistidas nos corredores e nas salas de aula, embora possamos nos silenciar diante dos mesmos. As manifestações sexuais ocorrem independentemente de nossa aprovação, de nossa aceitação.

Na segunda resposta supracitada nos chama a atenção “Cabe a pessoa responsável...”, quem seria essa pessoa? Delegar à responsabilidade do diálogo, da problematização, da discussão a outro profissional da escola, não nos parece uma atitude pedagógica adequada. Nessa direção, acreditamos que em face de outras dúvidas dos nossos alunos e nossas alunas nos propomos a investigar respostas, nos colocamos em processo de reflexão sobre diferentes maneiras de alfabetizar, de ensinar a matemática, a ciências, a história e por que será que com os assuntos inerentes a sexualidade delegamos a outro profissional? Seria por que lidar com a sexualidade de nossos alunos e de nossas alunas revolve nosso imaginário de sexualidade fundamentado em mitos, preconceitos, desconhecimentos, tabus e dúvidas solidificados pelas instâncias sociais que pertencemos?

Outra professora nos relata:

Trabalho a sexualidade de forma natural, respondendo de forma clara e tranqüila as questões que surgem. É necessário que o professor trabalhe seus próprios medos, complexos e preconceitos, antes de trabalhar com seus alunos, caso contrário vai acabar passando para ele, a sua opinião e sua forma de lidar com a própria sexualidade, deixando-o confuso, já que suas experiências, que podem ter sido frustrantes, terão uma forte tendência a prevalecer no seu próprio ato de falar.

Admitamos ou não, a sexualidade está presente nas salas de aulas, nos corredores, nas palavras rabiscadas nos banheiros, nas relações entre professores e alunos, daí por diante. O silêncio das escolas sobre a sexualidade não a impede de praticar a pedagogia da sexualidade, em outras palavras, o disciplinamento dos corpos.



Um corpo escolarizado é capaz de ficar sentado por muitas horas e tem, provavelmente, a habilidade para expressar gestos ou comportamentos indicativos de interesse e de atenção, mesmo que falso. Um corpo disciplinado pela escola é treinado no silêncio e num determinado modelo de fala; concebe e usa, o tempo e o espaço de modo particular (LOURO, 2007, p. 21).

Esse disciplinamento não é aceito docilmente pelos alunos e pelas alunas. Convivemos com diferentes manifestações, respostas, resistências, transformações ou subversões para as imposições disciplinares feitas sobre os corpos. Encontramos nas salas de aulas uma multiplicidade de resistências cotidianas. Nossos alunos e nossas alunas nos ensinam que “submissões aparentes são de fato resistências reais” (MAFFESOLI, 1987, p. 27), as quais não ocorrem somente com grandes rupturas ou revoluções, mas no cotidiano, nas pequenas brechas, nas pequenas ações, no movimento incessante entre submissão e criação, nos “minúsculos ‘desvios’ da vida cotidiana como prova de [suas] vitalidades” (MAFFESOLI, 1987, p. 125).

Algumas respostas mostram práticas docentes que desenvolvem trabalhos voltados à sexualidade numa perspectiva histórica, cultural e social:

Através de debates com os alunos procurando responder as perguntas de interesse dos mesmos, respeitando os medos e as angústias e a diversidade de valores e crenças.

Levando para sala de aula textos que tragam assuntos referentes. Nas aulas de história busco e peço para os alunos trazerem textos antigos e atuais para juntos entender as mudanças que ocorrem, utilizo os mesmos textos para calcular gráficos e índices. Nas aulas de ciências aprofundo os conhecimentos abordados. Nas aulas de artes realizamos teatros, pinturas, uma forma diferente de expressão.

Não trabalho como tema transversal (isolado), mas associado às disciplinas, principalmente a História da Humanidade em relação ao sexo, e também outras disciplinas como ciências, etc.

Trabalho da mesma forma que faço com as outras disciplinas, enfrentando os desafios, realizando trabalhos teóricos, visando o bom desenvolvimento do aluno, que ele compreende a sexualidade humana com totalidade.



No dia a dia surgirão questões que devem se aproveitadas pelo professor, sem espanto, sem susto e com segurança. O professor deve estudar a sexualidade nos âmbitos: pessoal, social e psicológico, respeitando sempre o contexto familiar da criança, pois a “carga” que ela traz de casa é muito forte e importante.

Esse estudo nos revelou o entrecruzamento de diferentes práticas docentes sobre a sexualidade. Encontramos professores e professoras que a concebem como algo biológico, relacionada, simplesmente, ao corpo físico e as suas funções reprodutoras. Outros e outras que persistem na denegação do trabalho com essa temática, ora por falta de conhecimento, ora por não quererem adentrar num assunto considerado particular e de complexa abordagem. Além desses dois direcionamentos com a temática, nos deparamos com professores e professoras que buscam formas de construir outros olhares e outras vivências da sexualidade. Por meio de atividades diferenciadas e ancoradas nas disciplinas do currículo trabalham em sala de aula as compreensões de sexualidade que extrapolam uma visão reducionista e biologizante da mesma.

Acredito numa discussão sobre a sexualidade na escola que dê oportunidade a alunos e alunas de compreendê-la como construção social, cultural, histórica e política. Que contribua para uma análise que lhes possibilite “discutir e compreender os mitos sexuais como elaboração na história e na cultura” (FURLANI, 2003, p. 20), bem como lhes permita compreender os mecanismos sociais que limitam a vivência de uma sexualidade livre e múltipla, repleta de possibilidades, de sentidos, de significados.

Pautada na problematização e na compreensão das imposições sociais, a educação sexual em escolas pode proporcionar “uma vivência mais positiva e livre do corpo, do prazer advindo dele, deste prazer compartilhado com o outro [e a outra], da sexualidade pessoal” (FURLANI, 2003, p. 30). A escola é “capaz também de imprimir nos sujeitos novas formas de pensar e agir, desmistificando, por exemplo, modelos e padrões de homens e mulheres” (JESUS, 2007, p. 194) que habitam a sociedade.

Não pretendemos nessas linhas traçar um manual ou críticas contundentes a respeito do trabalho docente com a sexualidade, ao contrário, compreendemos que trabalhar com essa temática é perambular por caminhos ambivalentes. De um lado, as imposições sociais — a família, a igreja, a escola, o trabalho... —; de outro, a nossa



subjetividade — como percebemos, como sentimos, como simbolizamos, como nos relacionamos com o mundo e com as pessoas. Ambas não se excluem; ao contrário, entrecruzam-se num balé sem fim. Perguntas com respostas provisórias, dúvidas latentes. A sexualidade, ao tentarmos defini-la, não se deixa engessar, escorrega entre os dedos das mãos, como os grãos de areia. Não se limita às explicações científicas, mas se mistura às águas das sensibilidades, dos sentimentos, do afetivo, das imagens, das relações dionisíacas... Em uma palavra: imaginário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTMANN, Helena; MARTINS, José Carlos. Políticas da sexualidade no cotidiano escolar. In: CAMARGO, Ana Maria Faccioli de; MARIGUELA, Márcio (Orgs.). **Cotidiano escolar: emergência e invenção**. Piracicaba: Jacintha Editores, 2007, p. 131-150.

BRITZMAN, Deborah. Curiosidade, Sexualidade e Currículo. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 2ª ed. 3ª reimpressão. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 83-111.

CAMARGO, Ana Maria Faccioli de; RIBEIRO, Cláudia. **Sexualidade(s) e infância(s): a sexualidade como um tema transversal**. Coordenação de Ulisses F. Araújo. São Paulo: Moderna; Campinas: Editora da Universidade de Campinas, 1999 (Educação em pauta: temas transversais).

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 16ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2005a.

_____. **História da sexualidade II: o uso dos prazeres**. Tradução de Maria Thereza da



Costa Albuquerque e revisão técnica de J. A. Guilhon Albuquerque. 10ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2003.

FURLANI, Jimena. Sexos, sexualidades e gêneros: monstruosidades no currículo da educação sexual. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 28, 16-19 out. 2005, Caxambu, MG. **GE 23 — Grupo de Estudos Gênero, Sexualidade e Educação: trabalhos e pôsteres.** Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/28/inicio.htm>. Acesso em: 2 fev. 2009.

_____. **Mitos e tabus da sexualidade humana.** 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

GUIMARÃES, Áurea Maria. O imaginário da violência e a escola. In: TEIXEIRA, Maria Cecília Sanchez; PORTO, Maria do Rosário Silveira (Orgs.). **O imaginário do medo e cultura da violência na escola.** Niterói: Intertexto, 2004, p. 59-71.

GUIMARÃES, Isaura. **Educação sexual na escola: mito e realidade.** Campinas: Mercado de Letras, 1995.

JESUS, Railda Maria Bispo de. Implicações da ação docente sobre as questões de sexualidade e gênero na escola. **Revista Faced.** Salvador, Universidade Federal da Bahia, nº 11, p. 189-199, jan./jun. 2007.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre a sexualidade e teoria queer.** Belo Horizonte: Autêntica, 2008b.

_____. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade.** Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 2ª ed. 3ª reimpressão. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 7-34.

_____. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 2003a.

LOYOLA, Maria Andréa. A sexualidade como objeto das ciências humanas. In: HEILBORN, Maria Luiza (Org.). **Sexualidade: o olhar das ciências sociais.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999, p. 31-39.

MAFFESOLI, Michel. O imaginário é uma realidade. **Revista FAMECOS mídia cultura e tecnologia.** Porto Alegre, Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Faculdade de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do rio Grande do Sul, nº 15, p. 74-82, ago. 2001b.

_____. **Dinâmica da violência.** Tradução de Cristina M. V. França. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais/Edições Vértice, 1987.

MEYER, Dagmar E. Estermann; RIBEIRO, Cláudia; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. Gênero, sexualidade e educação: “olhares” sobre algumas das perspectivas teórico-



metodológicas que instituem um novo GE. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 27, 21-24 nov. 2004, Caxambu, MG. **Trabalhos encomendados**. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/27/inicio.htm>. Acesso em: 2 fev. 2009.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva. 2ª ed., 3ª reimpressão. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 35- 82.